

OS PERCURSOS DA MEMÓRIA: a exposição virtual cartes postales du Québec d'antan como fonte de informação histórica*

Lidia Eugenia Cavalcante**

RESUMO

Apresenta estudo sobre uma viagem virtual de leitura por meio da exposição Cartes postales du Québec d'antan, que faz parte da *Bibliothèque et Archives nationales du Québec*. Com base na obra *Le Pays et la mémoire: pratiques et représentations de l'espace français chez Gilles Corrozet et Charles Estienne*, de Chantal Liaroutzos, faz-se uma pesquisa sobre a vulgarização e popularização do saber histórico em meio digital. A abordagem visa a aproximar o estudo sobre uma poética do espaço realizada por Liaroutzos, desde textos populares da França, do Século XVI, com uma leitura contemporânea, realizada em meio eletrônico, envolvendo abordagens sobre memória, patrimônio, educação e fontes de informação histórica. Trata-se da tentativa de aproximar estudos históricos tradicionais daqueles que se apresentam em meio virtual, sobretudo no que se refere à questão didática do ensino da História, as apropriações do que é dado a ler na Internet e fontes de informação.

Palavras-chave

LEITURA E MEMÓRIA
LEITURA E PATRIMÔNIO DIGITAL
EXPOSIÇÃO VIRTUAL
FONTES DE INFORMAÇÃO

*Este estudo faz parte da pesquisa *Memória e patrimônio digital*, desenvolvida no pós-doutorado em Ciência da Informação, realizado na *Université de Montréal*, Canadá, no período 2006-2007. A pesquisa contou com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

** Professora do Departamento de Ciências da Informação/UFC. Pós-doutora em CI/ Université de Montréal. Doutora em Educação/UFC. Mestre em História Social/UFRJ.
E-mail: lidia@ufc.br

I INTRODUÇÃO

A exemplo da belíssima obra de Chantal Liaroutzos (1998), *Le Pays et la mémoire: pratiques et représentations de l'espace français chez Gilles Corrozet et Charles Estienne*, este texto tem como origem uma exposição acerca da qual discorreremos em breve. A autora da obra citada faz uma fantástica viagem, com início em uma exposição, realizada pelo *Centre Georges Pompidou* – França, em 1980, intitulada *Cartes et Figures de la Terre*. A exposição apresenta obras sobre a linguagem verbal ou cartográfica dos “*cosmographes*” do Século XVI.

Com base na representação do espaço francês presente nos textos de Gilles Corrozet e Charles Estienne - *le premier guide routier français, le premier guide historique de Paris e le premier Manuel d'agriculture* - Liaroutzos desenvolve um estudo a que chama de “uma poética do espaço.” As obras

estudadas pela autora apresentam ideologias de uma época, observadas por meio de saberes e visão de mundo próprios, de um projeto educativo, que visava a atender aos habitantes das cidades, detentores da capacidade de ler, do início dos tempos modernos.

Assim, inspirando-se nas leituras de Liaroutzos sobre a representação e a poética do espaço francês, por meio de textos do Século XVI - parte de uma exposição em França - é que este estudo foi elaborado. Nossa viagem começa por uma visita virtual à exposição *Cartes postales du Québec d'antan*, da *Bibliothèque et Archives Nationales du Québec*. Observando os devidos distanciamentos temporais, buscamos na exposição virtual citada evidenciar aspectos comuns com relação ao “[...] que é dado a ver, a ler e a fazer” (LIAROUTZOS, 1998, p.10). Neste percurso virtual, histórico e ideológico, procuramos identificar a presença de uma

vulgarização do saber e de saber utilitário, relacionando-os a uma tentativa de popularização da leitura do documento em meio digital.

2 A EXPOSIÇÃO VIRTUAL CARTES POSTALES DU QUÉBEC D'ANTAN¹: VIAGEM DE LEITURA HISTÓRICA

Michael de Certeau (1996, p.190) nos diz que “[...] o memorável é aquilo que se pode sonhar a respeito do lugar.” Lugares construídos na memória, onde cenas vão sendo tecidas uma a uma, e cada fio, reconstituído em tramas diversas, permite o uso de metáforas e maneiras de ver o passado, por meio de lembranças vividas ou recolhidas da memória do outro. Muitas vezes são caminhos historicamente distantes, percorridos por nossos antepassados. Costuma, entretanto, haver um elo entre os fios. Ao falar de comemorações, monumentos, fatos, conquistas e lutas, os entremeios vão formando uma rede onde os laços aparecem e as experiências são comuns entre os atores. Com efeito, em muitos casos, uma memória/documento vai se constituindo, seja por meio de fotos, cartas, registros sonoros ou cartões postais, como veremos.

Nesse sentido, a memória se constrói socialmente por meio das experiências vividas, individual ou coletivamente. Cenas, imagens, fotografias, relatos ou registros sonoros nos dão a oportunidade de conhecer memórias vividas em tempos longínquos. Neste caso, são as instituições culturais de memória, a exemplo das bibliotecas, museus e arquivos, um passaporte para essa viagem, percorrendo riquíssimas fontes de informação.

A *Bibliothèque et Archives nationales du Québec* - BAnQ, dentre as exposições virtuais presentes no projeto de digitalização de coleções patrimoniais, intitulado *Branché sur notre histoire*, nos permite conhecer antepassados distantes, dos povos canadenses, por meio da Internet. É algo que se pode realizar de qualquer lugar do mundo, sem precisar viajar até o Canadá. Dentre essas exposições, há uma que nos inspira particularmente. Trata-se da Exposição Virtual Cartes postales du Québec d'antan, pela qual iniciamos esta aventura do ato de ler a memória de outros povos, ao empreender uma viagem virtual.

Historicamente, os cartões postais sempre exerceram um fascínio especial sobre os viajantes e aqueles que os recebem. Por um lado, há facetas dos lugares, presentes nessas imagens e seus textos, que parecem nos transportar para cidades e tempos onde e quando jamais estivemos. Geralmente apresentam cenas poéticas ou mostram o melhor dos lugares, com riquezas e detalhes da vida cotidiana. São cenas com destaque para paisagens e arquiteturas ou retratam o mais belo das estações do ano, sempre com particularidades de cada local. Em muitos casos, lugares que já não existem. Por outro lado, representam também o retrato da saudade. Receber cartão postal costuma indicar a lembrança de alguém distante.

A riqueza dos cartões postais consiste em assumir um papel de representação do espaço por meio de uma imagem/texto, elaborada sob três perspectivas diferentes: daquele que capta a imagem pela fotografia, desenho ou pintura, o olhar de quem o envia e o de quem o recebe. Fazendo uma aproximação com o pensamento de Liaroutzos (1998, p. 10), cada um realiza, segundo o modo que lhe é próprio, um tipo de adequação específica entre “o ver, o dizer e o fazer”. Ao interrogar esses documentos, verificamos um processo “duplamente didático” de “apreensão do espaço”, relativo a um saber sobre o mundo e a um saber sobre as práticas que induz.

Em tempos passados, na conhecida e bem retratada *Belle Époque*, bem mais do que hoje, os cartões postais representavam uma prática comum e econômica para os viajantes, que costumavam se deter em livrarias, bancas de revistas ou papelarias, à procura das mais belas imagens; cenas que retratassem os lugares visitados para serem enviadas a pessoas ausentes ou mesmo para colecionar. Em tempos atuais, a prática do envio de mensagens eletrônicas e de fotos digitais representa marca de novos e mais rápidos suportes de informação, provavelmente bem mais utilizados pelos viajantes.

Os cartões postais cumprem belo papel histórico na construção dos lugares, principalmente das cidades. Por meio deles, é possível conhecer costumes, hábitos, cultura e cotidiano de gerações e habitantes dos espaços urbanos. Podemos, também, desenvolver uma prática de leitura histórica, cultural, social e poética do passado, dos lugares de sedução e encantamento.

Pode parecer contraditório relacionar cartões postais, uma prática que teve seu apogeu em déca-

¹ Cartões postais do Quebec de antigamente (traduzido do francês).

das longínquas, à Internet. De acordo com o que pretendemos discutir neste texto, entretanto, é evidente que, mesmo em se tratando de questões do tempo presente, como as tecnologias de informação, estas suscitem abordagens históricas e sociológicas. Trata-se de estudo de grande riqueza para pesquisas científicas, sem limitar-se apenas aos fatos mais próximos ou contemporâneos do olhar do pesquisador. São formas distintas de ler e ver o cotidiano do outro e de tornar próximo o que parece distante, de um modo sensível e poético, diante da frieza perceptível do uso da máquina. É no cruzamento do histórico com o tecnológico, no entanto, assim como na “travessia do leitor”, da ponte que une essas duas formas de apreensão de saberes, que se insere o nosso estudo.

Lançado em janeiro de 2005 para acesso ao público, o projeto da digitalização de coleções patrimoniais da BAnQ já digitalizou mais de 2,8 milhões de páginas de textos de livros antigos e obras raras e uma grande quantidade de coleções de jornais, cartões postais, mapas, fotografias, partituras, vídeos e manuscritos. Os originais desses documentos, como a maioria das coleções patrimoniais, eram dificilmente acessíveis ao grande público, pela fragilidade do suporte, necessidade de preservação e desconhecimento do público em geral.

Por meio do uso das tecnologias, a BAnQ difunde importantes coleções patrimoniais. O projeto *Branché sur notre histoire* permite, atualmente, o acesso a aproximadamente um milhão de documentos manuscritos originais, fotografias, gravuras e cartões postais, além dos registros sonoros e em vídeo. Esse projeto tem como objetivo viabilizar o acesso à história e à memória do Québec e do Canadá em linha. Atualmente, cerca de 70.000 visitantes por semana acessam as diferentes coleções disponíveis. (BOUCHER, 2006).

O programa da digitalização de coleções da BAnQ possui critérios e orientações institucionais fundamentais para tornar disponível em linha o grande número de documentos existentes em suportes tradicionais. Dentre esses critérios destacam-se: o interesse dos usuários por determinados documentos, com base em dados estatísticos; a necessidade de representar as diferentes regiões do Québec, os documentos clássicos e títulos raros e os periódicos, em especial as publicações de interesse cultural e aquelas concernentes às ciências humanas e sociais (FOURNIER, 2006). Vale salientar que são prioritários também os de domínio público, em respeito à lei de direitos autorais. No caso

das obras mais recentes, são requeridas todas as autorizações necessárias, como a exemplo das monografias, publicações em série, documentos sonoros e artísticos.

A constituição de coleções digitais, originadas de fundos patrimoniais, permite valorizar a construção histórica e a diversidade cultural que são as marcas de uma nação, de modo amplo e democrático. Além disso, torna-se importante instrumento de propagação do patrimônio relativo a língua, cultura, idéias, literatura e expressões de um povo.²

A exposição virtual, por meio dos cartões postais do acervo da BAnQ, nos propõe uma viagem em três circuitos, ou seja, em itinerários triplo: o *circuito do viajante*, o *circuito do patrimônio* e o *circuito da economia*. Cada um desses itinerários apresenta cerca de trinta cartões postais, impressos entre os anos de 1900 e 1950, selecionados dentre os de uma coleção de 6.500 unidades, já digitalizados, e que podem ser acessados pelo catálogo multimídia da biblioteca. Os documentos escolhidos apresentam forte ligação com os eventos históricos e os temas abordados.

Ao escolher um circuito, o viajante começa rica e emocionante aventura, com início no rio *Saint-Laurent*. A história das cidades e vilas urbanas, muitas vezes, tem início por rios e mares. Estes trazem a possibilidade de retirar populações do isolamento. Historicamente, a água é o lugar de chegada do navegador, do conquistador e, em alguns casos, do herói. É o início do progresso e do crescimento econômico. Por outro lado, também significa a chegada de conflitos de interesse em razão das diferenças culturais ou políticas. O rio *Saint-Laurent* representa o “coração” da história do Québec. As viagens de Jacques Cartier em 1934 e 1935 são um exemplo da importância do rio para a trajetória histórica e econômica dessa parte do Canadá.³

A exposição virtual é apresentada por meio de um texto narrativo e histórico, que indica ao visitante por onde ele deve começar a caminhar, orientado por um mapa com *links* dos lugares e da seguinte indicação: “*Votre billet (virtuel) en main, vous voilà prêt à partir à l’aventure... Bon voyage!*”⁴ **Nos**

² É importante salientar, contudo, que muitas discussões estão se realizando mundialmente sobre a democratização do acesso ao conhecimento em meio digital e sobre os possíveis riscos de dominação linguística. Podemos citar entre os organismos que refletem essa questão: UNESCO, IFLA e Biblioteca Nacional da França.

³ Para conhecer mais sobre as viagens de Jacques Cartier consultar <http://fr.wikipedia.org/wiki/Jacques_Cartier>

⁴ Com o bilhete virtual em mão, o viajante estará pronto para a aventura. Boa viagem. (traduzido do original em francês). <http://www.banq.qc.ca/histoire_quebec/expositions_virtuelles/cartesdantan/voyage/voyage.jsp>

mapas, que tem como ponto central o rio Saint-Laurent, o visitante virtual começa uma fascinante viagem pelos cartões postais.

Historicamente, os viajantes descortinam cidades. A exemplo de grandes navegadores épicos, como o veneziano Marco Pólo (1254- 1324), o português Vasco da Gama (1469-1524) e o francês Jacques Cartier (1491-1557), comerciantes, descobridores e exploradores seguiam por mares ou rios à procura de terras, descobertas e riquezas. Algumas vezes recebidos como heróis, outras com desconfiança ou mesmo como invasores. O certo é que se fizeram presentes na história dos lugares.

Desde uma visão mais tradicional do conceito de patrimônio, e reconhecendo que esses conceitos se encontram atualmente em mutação⁵, os monumentos erguidos em memória dos heróis e desbravadores se apresentam como uma grande riqueza histórica das cidades. São memórias geralmente centenárias que, segundo alguns de seus habitantes, merecem ser recontadas. Para outros, principalmente os mais jovens, são imagens que passam despercebidas ou desconhecem a motivação histórica do ato que originou aquela obra. Em muitos casos, tal desconhecimento torna esse patrimônio alvo de vandalismo ou do descaso das autoridades para com a necessária preservação e salvaguarda.

Assim como os mares e rios se tornaram importantes para as navegações, o desenvolvimento das cidades, às margens das águas, também foi propiciado pela economia originada por meio da pesca, do comércio, das viagens, das exportações etc. Os portos foram se multiplicando e ocasionando o crescimento de pequenas vilas urbanas. O comércio ocupa lugar importante na economia cidadina. Por exemplo, alguns dos cartões postais da exposição apresentam cenas cotidianas da vida de pescadores em meados do Século XX, em Québec, como principal meio de subsistência da época, por se constituir como um recurso natural. Além da função histórico-social, o patrimônio econômico também assume símbolo de identidade local, principalmente em pequenas comunidades que se formam por meio de uma cultura extrativista ou de subsistência, a exemplo dos povos que vivem da pesca ou da agricultura de um item específico. A memória dos lugares

vai se formando pelas imagens de cenas vividas e da dinâmica de cada época retratada por meio dos cartões postais apresentados.

Segundo Zumthor (1997, p.15), “A memória recupera o vivido”. Neste caso, é a ela que a sociedade, ou mesmo o indivíduo, recorre para manter o passado próximo ao presente pelo ato de lembrar. Assim, permite que se mantenha a vida, seja pessoal, de um grupo, comunidade, sindicato ou movimento popular. A palavra, no momento em que é pronunciada, e a cena, quando registrada, recuperam percursos, transpõem tempo e espaço e se integram às tradições, produzindo um elo entre duas categorias distintas: experiência e expectativa. “A primeira sugere o passado, a segunda, o futuro e ambas parecem querer entrelaçar-se como dois pólos através dos quais se pensa e se projetam os seus futuros” (BRANDÃO, [199-?], p.28).

O surgimento dos suportes virtuais com seus hipertextos, considerados como novos suportes do registro do conhecimento e de fontes de informação, também apresentam novidades com relação às práticas de leitura, sejam elas físicas ou sociais. Mudam a forma de acesso, conteúdo, veracidade, paginação, visualização, estímulo, interação e transmissão, mediação, pertinência, descobertas e concepção. Nasce daí uma ruptura com as formas tradicionais do livro impresso. O leitor segue percursos interativos de leitura, acessa metatexto, imagens e sons por meio de *links*, que o convidam para muitas viagens interativas. É também continuamente convidado a se tornar “autor” a cada vez que ele relaciona elementos de informação (VIGNAUX, 2004).

Não se trata de uma ruptura entre impresso e digital, já que o texto impresso também permite leituras não lineares, intertextualidade e interatividade, que constroem o vasto conjunto de informações adquiridas pelo leitor. Entre impresso e digital ocorre, na realidade, intensa multiplicação de possibilidades de leituras. Assim como o século XVI, os séculos XX e XXI representam etapa decisiva para a história do conhecimento humano (LIAROUTZOS, 1998).

É emocionante para um professor/pesquisador, por exemplo, conectar-se ao portal de uma biblioteca, durante uma aula, deparar-se com acervos de grandes tesouros nacionais e internacionais do registro da produção do conhecimento humano, e apresentar para os alunos um documento produzido em tempos longínquos, uma viagem por terras distantes; obras raras, originais da iconografia,

⁵ Vários estudiosos do patrimônio têm refletido sobre as atuais abordagens relativas ao fenômeno de patrimonialização que, nas últimas décadas, engloba natureza, cultura, memória, documento e, mais recentemente, o patrimônio digital, como um fenômeno de representação histórica (POULOT, 1997; MICOUD, 1998; UNESCO, 2003).

da música ou fascinantes manuscritos, já digitalizados e postos à disposição de um público cada vez maior. São documentos fundamentais para conhecer como se processou, ao longo dos séculos, a trajetória humana registrada em diferentes aspectos - histórico, artístico, cultural, ideológico, político ou religioso.

Esse importante trabalho significa a possibilidade de tornar acessível, mesmo que de modo virtual e representativo, parte do patrimônio histórico-cultural, para pesquisadores, historiadores, educadores, estudantes e demais interessados. É uma forma de coletivizar e tornar conhecidos, acervos antes destinados exclusivamente à preservação, e não ao acesso, em virtude da fragilidade e degradação física, ocasionadas por séculos de existência. Estamos diante de admirável instrumento de pesquisa, educativo ou mesmo de pura curiosidade, fascinante, do ponto de vista histórico e social. O uso da tecnologia pode garantir acesso, sem risco de roubo, depredação ou danificação dos originais, a maioria desses documentos, guardada em cofres. Trata-se de uma possibilidade de troca entre a necessidade do especialista e a pretensão cultural do povo por meio de uma ação pedagógica e de alcance educativo (LIAROUTZOS, 1998).

O conceito de *vulgarização do saber*, utilizado por Liaroutzos em seu estudo, apresenta forte relação com a nossa problemática de pesquisa. O documento histórico em meio virtual não pertence mais apenas ao especialista, intelectual, pesquisador, antropólogo ou historiador. Ele adentra o universo do saber de modo mais democrático e amplo para outros interessados, como estudantes e grande público. As informações contidas nesses documentos não cumprem apenas o papel de fonte de informação para pesquisadores. Elas se configuram como veículo de curiosidade, saber utilitário, de desejo etc. É também uma forma de divulgação ou de *vulgarização do saber*.

A *vulgarização* ou *popularização* do saber evoluiu entre os séculos XVI e XIX por meio de publicações que visavam essencialmente a um público urbano, ainda minoritário, no começo daquele período. Liaroutzos (1998) refere-se principalmente aos habitantes das cidades do século XVI, os quais poucos sabiam ler. A leitura era privilégio da nobreza, estudiosos, filósofos, comerciantes etc. Entretanto, a literatura popular começava a formar um novo público leitor, alvo do interesse das tipografias, que se efetivara durante os séculos XVII e XVIII. A célebre *Bibliothèque Bleue* contribuíra enormemente para

a popularização do saber. Tratava-se de livros muitas vezes de autoria desconhecida, de abordagens fictícias, publicados em papel ordinário, de baixo custo, de sucesso popular garantido, cobertos com capa azul. Direcionavam-se principalmente a cidadãos alfabetizados, livros muitas vezes lidos, relidos e copiados por seus ávidos leitores (KUPIEC, 1998).

A digitalização de documentos e a criação de um patrimônio digital, assim como o surgimento da *Bibliothèque Bleue*, além do fascínio que exerce e da justificação social, histórica, educacional e cultural que apresenta, necessitam, entretanto, de um importante trabalho de reflexão e de alcance educativo. Algo que possa ir além de leitura linear, ocasionada pela euforia do presente; reflexão que se inicia com a constatação de tratar-se de uma representação do real, especialmente quando nos referimos a documentos históricos (representativos de fenômenos sociais ou testemunhas de uma era) produzidos no passado, em suportes físicos e atualmente digitalizados. Documentos que não poderão efetivamente (pelo menos no presente) substituir a obra em si, em sua materialidade, mesmo que se configurem em reproduções de alta qualidade e de perfeição, completamente idênticas aos originais, de uma fidelidade impressionante. Para Desvallées (2003, p.18), "Passou-se ao mesmo tempo do suporte papel para o suporte eletrônico e da contemplação individual ou coletiva, à contemplação universal e mundial."

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar nossa prazerosa viagem de leitura virtual por meio dos cartões postais da história do Québec, cumpre-nos agora a missão de apresentar algumas palavras conclusivas. Como Chantal Liaroutzos, autora que nos inspirou para esta pesquisa, dizemos que a descrição é uma "arte da memória". Por meio dela podemos definir territórios, compor identidades, revelar saberes ou mesmo exercitar o delicioso prazer de recompor percursos de nossas vidas e experiências cotidianas ou da existência do outro. Esse trajeto se torna possível com a elaboração de um espaço, imaginário, representativo ou real.

O discurso e a trajetória da memória, presentes nos cartões postais por nós estudados, ocorrem sempre na presença dos lugares, onde as cenas se descortinam. Pode, entretanto, significar também a existência de territórios jamais visitados fisicamente.

te. Em nossa viagem, no entanto, podemos nos referir, neste caso, a uma visita virtual por meio das imagens e da imaginação. O espaço urbano tema muito apreciado pelos criadores dos cartões postais, é rico em ideologias de pessoas que viveram de determinada época e constituíram seus territórios - políticos, culturais, históricos e sociais. Por exemplo, podemos falar da imagem do rio, da força do monumento, no ícone do viajante. Trata-se de cenas propostas ao leitor em todo o seu percurso de visitante da exposição: *Cartes postales du Québec d'antan da Bibliothèque et Archives nationales du Québec*.

São saberes postos à disposição do público, provenientes de fontes consideradas pouco democráticas, muitas vezes de acesso restrito a pesquisadores ou como tesouros valiosos de museus e arquivos, mantidos à distância do povo. Talvez ainda não possamos medir o alcance pedagógico dessa fonte de informação, pois, a princípio, esse não nos parece ser o principal objetivo de se criar exposições virtuais. A criação de tais acervos digitais parece se configurar, no presente, mais como forma de salvaguarda e preservação da memória nacional. Esses projetos, todavia, possuem grande função de vulgarização ou popularização de saberes

antes restritos e que, em essência, já cumprem grande papel pedagógico.

Entre nossas reflexões finais, podemos indagar: quais as conseqüências de um projeto de viagem de leitura virtual por meio da história como fonte de informação, em termos pedagógicos ou mesmo socioculturais? Por tratar-se de um tema ainda recente, principalmente com relação ao acesso e à democratização dessas fontes, ainda não é possível apresentar resultados significativos no campo empírico. Cabe a nós, como pesquisadores, assim como fizeram os viajantes, navegadores, descobridores e desbravadores, iniciar essa viagem de leitura, virtual ou real, no campo teórico. Indo mais longe, quem sabe, se busque inspiração no herói mitológico grego Jasão e nos argonautas, a bordo da nau mitológica Argo, construída com a ajuda da deusa Atenas, em busca do velino de ouro. Se, para a mitologia, tão distante de nossa era, coisas que pareciam impossíveis aconteciam, imaginemos o que pode ocorrer em tempos de tecnologia tão avançada como a que assistimos no Século XXI. Argonautas, cosmonautas ou internautas, nós, seres humanos, ao longo da história, sempre fomos e seremos grandes viajantes à procura de aventuras e descobertas.

THE ROUTES OF THE MEMORY: the virtual exposition *cartes postales du québec d'antan* as a source of historical information

ABSTRACT

We present a virtual reading trip through the exposition *Cartes postales du Québec d'antan*, which is part of the *bibliothèque et Archives nationales du Québec*. Based on the work *Le Pays et la mémoire: pratiques et représentations de l'espace français chez Gilles Corrozet et Charles Estienne*, de Chantal Liaroutzos, we conduct a research about the vulgarization and popularization of the historical knowledge in digital means. Our approach aims to get the study about a poetics of the space conducted by Liaroutzos, based on popular texts of the XVI century France, through a contemporary reading, carried out in electronic means, involving memory, patrimony, education and sources of historical information. It is an attempt to bring the history told in books, the ones from traditional collections in libraries, closer to the one presented in virtual means, especially concerning the didactic aspect of the teaching of History and the appropriations of what can be read on the Internet and the information sources.

Keywords

READING AND MEMORY
DIGITAL READING AND PATRIMONY
VIRTUAL EXPOSITION AND SOURCES OF INFORMATION

Artigo recebido em 15.05.2007 e aceito para publicação em 26.07.2007

REFERÊNCIAS

- BARRÈRE, Chistian et al. (Editeurs). *Réinventar le patrimoine*: de la culture à l'économie, une nouvelle pensée du patrimoine. Paris: L'Harmattan, 2005.
- BOUCHER, Alain. La collection numérique des documents de bibliothèque. À *Rayons Ouverts*. Été, n. 68, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória sertão*. [s.l. ; s.n]: [199-?].
- CANADA. Bibliothèque et Archives Canada. *Iniciative canadienne sur les bibliothèques numériques*. Disponível em: <<http://nlc-bnc.ca/cidl>>. Acesso em: 27 out. 2006.
- CANADÁ. Archives Nationales du Québec à Montréal. *Journée de réflexion et d'échange sur les défis de la numérisation au Québec*, 26 janvier 2006. Publiée en mars 2006.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- DESVALLÉES, André. Que futuro para os museus e para o patrimônio cultural na aurora do terceiro milênio? In: ENCONTRO APOM, 2001, Casa da Eletricidade, Funchal. [Conferência]. Tradução de João Carlos Brigola - Universidade de Évora. In: Lugar em Aberto, *Revista da APOM*, n.1, p. 46-74, out. 2003.
- FRANCE. *Gallica la bibliothèque numérique*: charte documentaire. Disponível em: http://www.bnf.fr/pages/zNavigation/frame/infopro.htm?ancre=numerisation/po_chartegallica.htm. Acesso em: 28 mar. 2007.
- FRESSARD, Olivier. L'Esprit du numérique : bibliothèques numériques et démocratie. In. : PAPY, Fabrice (directeur). *Les Bibliothèques numériques*. Paris : Lavoisier, 2005. p. 65-86.
- FOURNIER, Claude. La numérisation du patrimoine québécois publié. À *Rayons Ouverts*. Été, n. 68, 2006.
- GRANGE, Daniel J.; POULOT, Dominique. *L'Esprit des lieux*: le patrimoine et la cite. Grenoble : Presse Universitaires de Grenoble, 1997.
- GUILLAUME, Marc. *La Politique du patrimoine*. Paris : Galilée, c1980.
- JEANNENEY, Jean-Noël. Quel avenir pour la bibliothèque numérique ?. À *Rayons ouverts*. Bibliothèque et Archives nationales du Québec. Été, 2006.
- KANCEFF, Emanue. Les lieux des voyageurs entre le XVI et les XVIII siècles. In. : GRANGE, J. Daniel ; POULOT, Dominique. *L'Esprit des lieux*: le patrimoine et la cite. Grenoble : Presses Universitaires de Grenoble, 1997. p. 63-70.
- KUPIEC, Anne. *Le livre-sauveur*: la question du livre sous la Révolution Française 1789-1799. Paris: Éditions Kimé, 1998.
- LIAROUTZOS, Chantal. *Le Pays et la mémoire*: pratiques et représentations de l'espace français chez Gilles Corrozet et Charles Estienne. Paris: Honoré Champion, 1998.
- MICOUD, André. La patrimonialisation ou comment redire ce qui nous relie (un point de vue sociologique). In. : BARRÈRE, Chistian et al. (Editeurs). *Réinventar le patrimoine*: de la culture à l'économie, une nouvelle pensée du patrimoine. Paris: L'Harmattan, 2005. p. 81-96.
- POULOT, Dominique. *Musée, nation, patrimoine*: 1789-1815. Paris: Gallimard, c1996.
- VARRY, Dominique. Le Patrimoine des bibliothèques: contradictions et enjeux. In: GRANGE, Daniel J. ; POULOT, Dominique. *L'Esprit des lieux*: le patrimoine et la cite. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1997.
- UNESCO. *Charte de L'UNESCO sur la conservation du patrimoine numérique*. Disponível: <<http://portal.unesco.org/ci/fr/ev.php>>. Acesso em: 21 set. 2006.
- UNESCO. *Multiculturalismo dans le cyberspace*. Disponível em: <<http://portal.unesco.org/ci/fr/ev.p>>. Acesso em: 30 out. 2006.
- VIGNAUX, Georges. *La notion de "collection"*: gêneses, développements, valorisations. Paris : CNRS - Laboratoire Communication et Politique. Rapport, Février, 2004. Disponível em: <<http://www.colisciences.net/pdf/CollectionGV.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2006.
- ZUMTHOR, Paul. *Tradição e esquecimento*. São Paulo: Hucitec, 1997.